

# Sarney preocupado com a radicalização

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney embarcou preocupado, ontem pela manhã, ao iniciar sua viagem ao Uruguai. No fim de semana, tanto pela observação quanto por informações transmitidas por sua assessoria, sentiu estar crescendo a radicalização política no País, em meio à desagregação partidária. Na aparência, por conta das eleições de prefeito de capital, em novembro, mas, na realidade, em função das eleições gerais do ano que vem e da futura sucessão presidencial.

No afã de conquistar ou de manter espaços, salvaguardando posições e interesses, muitos líderes acabam contribuindo para a exacerbação dos ânimos e a volta ao ultrapassado maniqueísmo de direita e esquerda. É claro que a Nova República jamais intervirá na vida partidária, e, muito menos, José Sarney se dispõe a participar de campanhas. Pertence ao PMDB, dele não sairá, mas acha que as funções de presidente da República não lhe permitem subir em palanques e pedir votos para este ou aquele indicado. Gostaria de ver a Aliança Democrática funcionando em todas as capitais, mas compreende certas situações em que o entendimento fica impossível, tendo PMDB e PFL de seguir caminhos próprios.

Não é a crise na Aliança Democrática, assim, o motivo central das preocupações políticas do chefe do governo. Ele analisa a questão de maneira ampla. E, conforme seus auxiliares mais íntimos, vem manifestando apreensão pelos rumos que o debate toma. O Brasil, em seu entender, não pode ficar preso a opções arcaicas, daquelas que nada resolvem e tudo complicam.

Cauteloso, Sarney avança pouco em seus comentários, mas é evidente para onde volta suas atenções. Se as atuais eleições de prefeito de capital revelarem uma divisão ampla do eleitorado entre candidatos de esquerda e candidatos conservadores, outra não será a tônica para 1986 e, mais do que isso, para a abordagem inicial da sucessão. Efeito estranho tiveram, por exemplo, as declarações do ex-presidente Jânio Quadros, domingo, quando perguntado sobre como receberia os votos do PDS de Paulo Maluf. Ele enfatizou que apenas repudiaria os votos comunistas. Ainda que o ministro Fernando Lyra tenha comentado, logo a seguir, que a aliança entre janistas e malufistas significava o encontro de nada com coisa nenhuma, o processo poderá muito bem evoluir de modo delicado e perigoso. Os partidários de Fernando Henrique Cardoso serão capazes de não resistir à armadilha e de radicalizar também, envolvendo-se o eleitorado paulistano em dois rótulos falsos: um, de comunistas, outro, de direitistas — o que não corresponde à realidade.

Multiplique-se o quadro por outras capitais e, o que é pior, projete-se a equação para o próximo ano, e se terá a receita de uma crise. Crise, aliás, para a qual se prepararam os verdadeiros radicais, interessados em tumultuar e em precipitar definições extremadas. Já existe emenda constitucional, no Congresso, antecipando as eleições presidenciais

diretas para 1986. Seu autor é o deputado Ludgero Raulino, do PDS malufista, piauiense recatado e pouco conhecido. Esta semana, porém, o líder do PDT, Nadir Rosseti, apresentará proposta igual ou muito parecida, dedicando-se à coleta de assinaturas. A Paulo Maluf e a Jânio Quadros, bem como a Leonel Brizola e outros radicais de cá e de lá, interessa a antecipação, mas a quem mais? Salvo prova em contrário, apenas aos que pensam como eles, mas, a continuar a radicalização, ninguém garante que a idéia não pegue. Fala-se que a presente campanha para irritar Aureliano Chaves não teria outro objetivo: levá-lo ao paroxismo e a aderir à antecipação, ele que também é apresentado como candidato.

Diante da hipótese, como se comportaria o PMDB? Por ser o maior partido nacional, com bancadas expressivas na Câmara e no Senado, a antiga legenda oposicionista, hoje no governo, teria condições de obstar a aprovação de qualquer emenda. Afinal, para alterar a Constituição, hoje, são necessários dois terços dos votos de deputados federais e de senadores. Mas a divisão também avança no PMDB. Em Recife, os esquerdistas não se conformaram com a derrota no âmbito interno e na convenção municipal. Romperam e vão apoiar Jarbas Vasconcelos, transmutado em socialista. O candidato oficial do PMDB, Sérgio Murilo, com o respaldo da Frente Liberal e de grupos mais conservadores, acabará exprimindo o que não é nem deseja: a direita. Isso para não falar nos diversos grupos internos em conflito, do "Unidade" ao "Travessia".

No fundo, estão pensando bem mais além das prefeituras os dirigentes empenhados nessa salada mista que dos planos municipais ameaça tornar-se nacional. Engendram manobras para os governos estaduais mas pensam, mesmo, na sucessão presidencial, onde, a continuar as coisas como vão, poderá ser surpreendentemente pequeno para o PMDB o espaço real. No caso de uma vitória de Jânio Quadros para a Prefeitura de São Paulo; e entre os escombros da Aliança Democrática, o ex-presidente poderia surgir como alternativa para a candidatura de Leonel Brizola, este interessado em polarizar as esquerdas do País inteiro. Aureliano Chaves talvez não conseguisse romper o cipóal, assim como outros pretendentes ao Palácio do Planalto, e o resultado seria cômico, se não fosse trágico.

Quando as eleições presidenciais eram indiretas, por ironia, conseguiu a classe política encontrar altas doses de bom senso e terminou com o sonho de um candidato aberrante, Paulo Maluf. Agora, porém, com o pleito direto estabelecido; a conversa parece outra. Transferir-se-á a decisão ao eleitorado e, se sobre ele estiverem atuando condicionamentos maniqueístas, acontecerá o diabo.

Há muito tempo para tentar evitar que essas e outras sombras se reúnam no horizonte, mas, quando se especula a respeito, tem-se a noção de por que, desde já, o presidente da República se mostra preocupado.

C.C.